

31-08-2022

A SINFONIA DA CIDADE: MOVIMENTO E DISPUTA

Marcia Cristina Hizim Pelá

[Presidenta da Associação Cultura Cidade e Arte.
Membro do Dona Alzira. Doutora em Geografia Unifan]

Na primeira crônica que escrevi para esta Coluna confidenciei a vocês um hábito muito estranho que tenho: o de conversar com a cidade.

Só que não é só esta estranheza que acomete o meu ser: eu tenho inúmeros hábitos estranhos. Por exemplo: o de conversar sozinha para organizar a minha mente e os meus sentidos; o de desviar de algumas pessoas conhecidas na rua porque não estou a fim de sair da minha solidão contemplativa; o de coçar o pé em um paninho para dormir porque me acalma e me dá uma sensação de cuidado materno; o de acordar de madrugada para exercitar o corpo e a mente; o de dar inúmeras voltas para chegar a um lugar porque perco o sentido de direção em meio as minhas elucubrações. Enfim, são tantas e diferentes esquisitices que fazem parte do meu ser que se eu fosse listar todas elas aqui, eu gastaria a metade deste artigo enumerando-as. Mas, hoje, particularmente, eu quero mesmo é falar do estranho hábito de escutar a cidade porque penso que ela, a cidade, por meio de suas paisagens e dinâmica socioespacial, anda me pedindo socorro. E eu, como aprendiz de ouvinte de cidade, vou tentar narrar para vocês o que ando escutando. Ando desconfiada que os sons que compõem a sua polifonia estão me dizendo que ela está meio enlouquecida. Mais do que isso: os sons que ultimamente têm sobressaído entre sua paisagem e em sua dinâmica cotidiana estão deixando-a meio esquizofrênica. É uma profusão de barulhos que se misturam e compõem a sinfonia de uma cidade que, se não estivermos com o ouvido atento e com a mente aberta para escutar e compreender o que diz a letra de sua melodia, ela pode passar despercebida como se fosse alguns barulhos isolados que, dialeticamente, nos irritam ou nos agradam.

O burburinho dos transeuntes, as palavras de ordens das manifestações populares, misturados com o carro de som da pamonha, com as sirenes das ambulâncias ou dos carros de policiais, com os ensurdecedores sons automotivos, com as buzinas irritantes dos carros e com a revoada dos pássaros são alguns destes sons que compõem a sinfonia cidadina.

Mas, afinal o que esta sinfonia está nos dizendo?

Vou me arriscar a narrar algumas das impressões que tirei depois de exercitar muito a estranheza de ouvir a cidade. Ah, mas antes, quero dividir com vocês um detalhe desse treinamento que, pode ajudar, caso queiram aderir e praticar este estranho hábito de ouvinte de cidade.

O detalhe é o seguinte: para afinar os ouvidos e exercitar a escuta eu tive que parar de conversar sozinha. Afinal, falar sozinha tem a ver com verborragia e a verborragia é um dos fatores que atrapalha a escuta, a reflexão e o entendimento. E ambos os fatores levam a uma interpretação impulsiva e rasa que nos desvia da essência da mensagem.

Percebi isso em uma manhã que estava saindo da minha casa para uma caminhada. Era bem cedinho e, como moro em uma rua sem saída perto de um bosque, o som que predominava era a melodia da revoada dos pássaros anunciando o amanhecer de mais um dia.

Respirei profundamente e a tranquilidade daquela melodia adentrou por todos os meus sentidos. Segui em frente e de repente meus ouvidos começaram a escutar uma movimentação dos motores dos carros e dos ônibus que cruzavam a avenida. Os aguicei para entender o que aquele som representava e percebi que aquela melodia coincidia com o barulho do despertador do relógio que anuncia aos estudantes e aos trabalhadores que é hora de levantar porque o mundo produtivista do trabalho tem hora e metas a cumprir. Senti ali que a minha tranquilidade estava começando a ser perturbada pelo irritante som da obrigatoriedade do tempo cronometrado. Respirei mais uma vez para tentar manter um pouco da minha tão desejada tranquilidade e continuei a caminhar.

De repente me deparei caminhando sobre uma das pontes que sobrepõem as largas avenidas da Marginal Botafogo - semelhante a outras Marginais espalhadas pelas cidades médias e grandes do Brasil - e ao olhar para baixo vejo centenas de carros parados em um quilômetro de engarrafamento. Escuto as buzinas. Tento escutar os sons das respirações dos passageiros dos carros e, por causa da minha experiência, imagino que devem ser uma mistura de sons ofegantes e irritados. Afinal eles estão literalmente parados em um lugar que foi planejado e construído para emitir o som do tempo rápido que emite a sonoridade da melodia dos negócios, da mercadoria e do dinheiro. O melhor exemplo desta melodia para mim são os roncões dos motores e os assobios provocados pelos motores dos carros de Fórmula 1. Neste exato momento percebi que a minha tranquilidade estava abalada e, então, comecei a escutar o som de aceleração do meu coração e os ruídos da minha mente que se desnortearam com tamanha contradição. Não era para menos.

Afinal, aquele som estava noticiando que o tempo rápido estava sendo parado pela sua própria produção. Ali entendi um dos motivos dos surtos psicóticos que estavam acometendo a cidade. Ela que foi feita para que os carros fluíssem em um tom orquestrado do tempo rápido estava sendo parada por eles. Meio atordoada, continuei andando. Abri, de novo, a escuta e consegui ouvir o burburinho dos transeuntes; o carro de som do vendedor da pamonha; o badalar dos malabares dos artistas de ruas; as vozes das mulheres e homens que, nas passeatas, ocupam as ruas das cidades com sons de esperança e da luta por um mundo mais justo; o samba que toca nos bares da cidade anunciado que “a vida devia ser bem melhor e será”; os gritos e grialhadas das crianças que ocupam os parques e as ruas da cidade. Enfim, passei a escutar os outros sons que compõem a sinfonia da cidade e percebi que a mensagem daquela melodia não tinha nada a ver com loucura. Era simplesmente a vida se movimentando. Voltei a respirar. Acalmei-me de novo e refleti. Logo veio à memória

**o som das palavras de Marx que me ensinaram
que a contradição é inerente ao modo de produção capitalista.**

**Escutei também a voz do amigo e orientador,
Eguimar Chaveiro, que tantas vezes me disse
que esta contradição na dinâmica socioespacial das cidades
não tem nada a ver com caos, mas com disputas.**

**Ou seja, a cidade não está louca. A cidade está emitindo uma
sinfonia polifônica que representa tanto os opressores,
os oprimidos e os esperançosos.**

■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.
A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões,
na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*